

A produção jornalística de Guilherme de Almeida¹

Michelle Moreira BRAZ²

Universidade Estadual Paulista – UNESP/ Bauru

Resumo

Mapear a produção jornalística do escritor Guilherme de Almeida (1890-1969) é o propósito deste artigo. Interessa cotejar as relações entre sua produção literária com a jornalística, bem como explicitar as conjunturas históricas. Para tal, empregaremos os pressupostos da Historiografia Literária, sobretudo a aceitação das escolas e movimentos, em sintonia com a Sociologia da Cultura, especialmente as contribuições de Pierre Bourdieu, além de estudos em História do Jornalismo.

Palavras-chave

História do Jornalismo; Guilherme de Almeida; Imprensa paulista.

Introdução

No âmbito literário, e ainda que tenha participado da Semana de 22, o escritor Guilherme de Almeida divide opiniões entre a crítica. Parnasianano, penumbriista ou modernista? As habilidades técnicas na orquestração do verso fizeram de Guilherme de Almeida um poeta reconhecido por seu virtuosismo, como também por sua forte indecisão. Mas os emblemas não se configuram apenas pela seara de sua fortuna crítica. Verifica-se, só para citarmos mais um exemplo, um círculo plural de amigos quase que antagônicos do poeta: desde Cassiano Ricardo e Menotti Del Picchia até Mário de Andrade, Oswald de Andrade, Tarsila do Amaral e Anita Malfatti.

Todavia, a notoriedade de Guilherme de Almeida reside de maneira mais evidente, e sem desconanças, no campo da tradução. O escritor foi responsável pela inserção de importantes figuras culturais no cenário brasileiro. Realizou várias traduções dos poetas franceses Baudelaire, Verlaine, Valéry; em peças teatrais como *Entre quatro paredes*, de Jean-Paul Sartre, e *A importância de ser prudente*, de Oscar Wilde; e se dedicou também à divulgação de *haikais* japoneses. Por sinal, o governo do Estado de São Paulo mantém até os dias atuais o antigo sobrado do poeta - Museu e Casa Guilherme de Almeida - como centro de estudos de tradução.

¹ Trabalho apresentado no GP História do Jornalismo, XVI Encontro dos Grupos de Pesquisas em Comunicação, evento componente do XXXIX Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação – São Paulo - SP – 05 a 09/09/2016.

² Doutoranda no Programa de Pós-Graduação em Comunicação pela FAAC/Unesp e mestre em Comunicação Midiática pela mesma instituição. E-mail: michellemoreirabraz@gmail.com.

Já em relação a sua produção jornalística, deparamo-nos com lacunas reveladoras de um baixo empenho acadêmico a seu respeito. Consultando *História da Imprensa no Brasil*³, sabemos que o poeta foi colaborador no jornal *O pirralho*, fundado pelo amigo Oswald de Andrade, em 1911. No auge do Modernismo, Almeida foi editor da revista *Klaxon* – graças às suas habilidades em desenho, o poeta arquitetou todo o projeto estético (diagramação) dessa insígnia do modernismo brasileiro.

Convidado por Júlio de Mesquita, o escritor ingressa, em 1926, no jornal *O Estado de S. Paulo*. Nesse veículo, inicia uma série de textos sobre cinema, com o pseudônimo de G., numa coluna intitulada “Cinematógrafos”, o que mais tarde culminou na publicação de seu livro *Gente de Cinema*. No mesmo jornal, em 1929, assina as colunas “A sociedade” - que destacava os eventos da elite paulistana e a coluna “Cosmópolis” sobre os bairros estrangeiros. Paralelamente, a partir de 1927, publica a coluna “Pela Cidade” no jornal *Diário Nacional*.

Durante a Revolução Constitucionalista de 1932, Almeida alista-se como soldado raso no Batalhão da Liga de Defesa Paulista, sendo combatente na cidade de Cunha. Pouco tempo após o alistamento, é convocado para retornar à capital a fim de comandar (cargo de redator-chefe) as 14 edições do *Jornal das Trincheiras*, distribuído entre 14 de agosto a 25 de setembro de 1932. Nesse episódio, verifica-se uma característica marcante de toda a vida literária e jornalística do escritor: o profundo amor por São Paulo.

Guilherme de Almeida pertenceu a outro tempo jornalístico, vivenciando as transformações da imprensa brasileira do início do século XX. Num cenário em que a trajetória de pequenos jornais de caráter doutrinário, muitas vezes empreendimentos individuais e aventureiros, vai cedendo, aos poucos, lugar ao advento das grandes empresas jornalísticas. Em paralelo, a imprensa projeta uma nova fisionomia aos gêneros que hoje podem ser considerados essencialmente jornalísticos, tais como a reportagem, a notícia e a entrevista. Contudo, no início do século XX, isso não significou uma rigidez de limites textuais. Pelo contrário, a hibridização era frequente pelas colunas de vários jornalistas-escritores, tais como João do Rio, Sylvio Floreal e Benjamin Costallat.

Para entendermos esses malabarismos poéticos em seus inúmeros investimentos culturais, bem como mapear sua produção jornalística, recorreremos aos arquivos da Casa Guilherme de Almeida, como as cartas e os telegramas. Em relação aos conteúdos

³SODRÉ, Nelson Werneck. *História da Imprensa no Brasil*. 4ª ed. Rio de Janeiro: Mauad, 1999. p.340-389.

memorialistas, destacamos a produção das colunas “A sociedade”⁴, registro da elite paulista entre 1929 a 1932, e a coluna “Ontem, Hoje e Amanhã”⁵. Ao mesmo tempo, se fez necessária a incursão de memórias de amigos, tais como Oswald de Andrade e Cândido Motta Filho, como também de sua fortuna crítica⁶.

Em busca do lucro simbólico

Além de incorporar a máquina ao dia a dia e novas diretrizes ao ritmo urbano, o advento da modernidade configura modificações irreversíveis ao sistema de produção, circulação e veiculação dos bens simbólicos. Por outra via, perpetua-se o fetiche do artista como herói mundano, e por conseguinte, a presença de uma boêmia literária; ao mesmo tempo, e como alternativa de “freio”, a institucionalização da inteligência – Academias de Letras, universidades e centros de estudos. Nesse contexto, e aclimatando tais legados, entre a República Velha e o golpe de Estado, o Brasil registra nítidas transformações no mercado de bens culturais.

Se, no século XIX, a mera presença no círculo social, e um estágio obrigatório pela faculdade de Direito, eram garantias quase instantâneas de um futuro proeminente, o século XX embarcava novas estratégias aos “herdeiros” das classes dirigentes:

Em vez de terem que lidar apenas com professores que eram ao mesmo tempo parentes, amigos da família, figuras eminentes da política e da magistratura, sócios dos escritórios de advocacia – em suma, membros do mesmo círculo social -, esses herdeiros deveriam também envolver-se na concorrência política e intelectual e assumir tarefas cada vez mais especializadas nos jornais partidários, nas organizações políticas, nas instituições culturais. (MICELI, 2001, p. 93)

Esse “afrouxamento” dos laços orgânicos explica-se, pelo menos em parte, pelo alastramento, mesmo ainda discreto, do mercado de diplomas, acompanhado da expansão de outros campos, tais como a imprensa e a editoração. Os preâmbulos de competitividade no campo intelectual brasileiro assinalavam para os “herdeiros” que era preciso “fazer um nome, um nome conhecido e reconhecido, capital de consagração que implica um poder de

⁴ A consulta dessa coluna só foi possível graças ao trabalho “Guilherme de Almeida e a construção da identidade paulista”, de Aline Ulrich, Usp/FFLCH, 2007.

⁵ Embora as colunas “Pela cidade” e “Ecos do meu passado” contenham conteúdos memorialistas, por rigor científico, preferimos consultar somente a coluna “Ontem, Hoje, Amanhã”, pois era a única com todos os exemplares na Casa Guilherme de Almeida (organizadas em 17 pastas). Nesse contexto, infelizmente poucos recortes dessa coluna apresentam os anos da expedição. Entretanto, podemos afirmar que a coluna foi publicada entre os anos de 1952 a 1959.

⁶ Consultada graças ao trabalho “Guilherme de Almeida: fortuna crítica comentada”, de Maria Helena Queiroz, UNESP/Assis, 1998.

consagrar objetos ou pessoas” e, dessa maneira, “conferir valor, e de tirar os lucros dessa operação” (BOURDIEU, 1996, p. 170).

Entretanto, como esclarece Candido, a ramificação da vida científica e o “surto” das ciências sociais⁷, nos decênios de 20 e 30, não impedem que a literatura permaneça como “posição-chave”, “fenômeno central da vida do espírito” (CANDIDO, 2010, p.137-142). Por sinal, a legitimação do Modernismo brasileiro explica-se, em boa medida, por essa afiniação e “troca de serviços” entre literatura e ciências humanas. *Macunaíma*, por exemplo, é, além de uma agrura estética, uma absorção de inúmeros elementos etnográficos e de pesquisa folclórica.

Agora abarquemos em nosso cerne de pesquisa. Herdeiro de umas das famílias mais tradicionais de Campinas, filho de jurista e professor de Direito, Guilherme de Almeida obedeceu ao itinerário imperativo de qualquer jovem da classe dirigente: Internato Diocesano São José e Faculdade de Direito do Largo São Francisco. Todavia, pelas memórias de Cândido Motta (amigo de Guilherme de Almeida), auferimos que esses “herdeiros” almejavam outro trajeto: “mais do que ser bacharel, eu queria ser livre. Não ter títulos. Não ter profissão. Não ser doutor. Mas ser um homem capaz de ser homem! O que eu não desejava era ser bacharel sem ser”⁸.

Se, por um lado, o campo intelectual urdia em pretendentes, o que permitiu, num caso típico-ideal, a consagração de Mário de Andrade. Por outro, os jovens aspirantes intelectuais da classe dirigente se encontravam numa encruzilhada: pouco dispostos a perpetuar o trabalho, político ou comercial, de seus patriarcas e, muitos menos, a pertencer ao séquito dos passadistas. Esses “homens sem profissão”, expressão encontrada tanto nas memórias de Oswald de Andrade quanto em Cândido Motta, sinaliza o espírito da uma época boêmia - eufórica em “acertar o relógio império da literatura nacional” –, além de tipicamente audaciosa.

Outra questão (polêmica) que podemos inferir são os chamados *handcaps*. O tuberculoso, o gordinho retraído, o tímido, a constituição franzina⁹ - esses estigmas, tão presentes nas pesquisas de Sérgio Miceli (2001), também são aplicáveis a Guilherme de

⁷ Além da fundação da FFLCH em 1934 e a publicação de obras renomadas, tais como *Casa grande & Senzala* (1933) e *Raízes do Brasil* (1936), Candido pormenoriza que o primeiro livro, como pesquisa objetiva sociológica, surgiu apenas em 1939 - *Assimilação e populações marginais no Brasil*, de Emílio Willens.

⁸ MOTTA, Cândido. *Contagem regressiva (memórias)*. In: MICELI, 2001, p. 111-112.

⁹ Para justificar, em boa medida, o ingresso na carreira intelectual, Sérgio Miceli verifica os *handcaps* dos escritores brasileiros modernistas: “tuberculoso” – Manuel Bandeira, “gordinho retraído”- Oswald de Andrade, “timidez” – Cândido Motta, “constituição franzina”- Fernando de Azevedo.

Almeida, se considerarmos válida a descrição de Cândido Motta. Em um trecho de *Contagem regressiva* atentamos para:

... Que é que você vai ser? Depois de pensar em ser uma porção de coisas acabei por concluir que, para mim, a melhor carreira era a de professor... Sou filho de professor e neto de professor... [refere-se agora a Guilherme de Almeida] Disse-me, numa dessas conversas, que todos os professores têm um horizonte limitado... que os professores não são homens que sabem, mas homens que, quando muito, ensinam a saber. Não passam de estudantes que terminaram seu curso e que continuam estudantes em outro curso... Já viu um professor alegre? Veja, por exemplo, meu pai. É um encorujado. Os que são alegres o são porque são professores e mais alguma coisa... Estávamos no escritório de seu pai, onde o poeta fingia ser advogado. Ele era pequenino, com os olhos ligeiramente mongolóides, dotado de uma delicadeza quase incômoda. Achava, talvez por essa delicadeza, brutal a profissão de advogado. O advogado vivia, para ele, entre o furor da clientela de pagar ou não pagar. (MICELI, 2001, p. 111-112).

Observamos que a pequenez e a “delicadeza quase incômoda”, aliada ao fato de ser não ser filho primogênito, favoreciam Guilherme de Almeida no ingresso a uma “carreira das letras”. Entretanto, e naturalmente por pressão paterna, Almeida cumpriu sua cota de exercício jurídico: trabalha, logo após sua formatura, como promotor público nas cidades de Apiaí e Mogi-Mirim entre 1912 a 1914.¹⁰

Nesse contexto, verifica-se que a amizade com Oswald de Andrade é trampolim para a efetiva carreira literária e jornalística. Ainda na faculdade, Almeida integra o grupo da revista *O pirralho*, semanário irreverente arquitetado por Oswald, tendo-se nesse espaço suas primeiras publicações poéticas. Outro alicerce certamente foi o irmão mais velho, Tácito de Almeida, que se embrenha também pelo projeto modernista, emprestando futuramente seu escritório para sede da revista *Klaxon*.

O ano de 1916 é decisório. Embora Guilherme de Almeida já manifeste diversas publicações em revistas da época, surge o convite, por Júlio de Mesquita¹¹, para pertencer ao corpo de redatores do *Estadinho*, edição noturna do jornal *O Estado de S. Paulo* – desprendendo-o de “fingir ser advogado”. Em paralelo e “nas mesas do Café Guarany” (BARROS, 1982, p. 96), publica em parceria com Oswald o volume *Théâtre Brésilien*, com duas peças em francês, “Mon Coeur Balance” e “Leur Âme”. A primeira peça, por exemplo, é uma comédia na qual a elite paulistana realiza uma festa num terraço de hotel de

¹⁰ De acordo com alguns biógrafos, na verdade, Almeida trabalha com o pai até 1923, às vésperas de seu casamento quando se muda para a cidade do Rio de Janeiro.

¹¹ Segundo Frederico Ozanam de Barros, o convite, na verdade, foi realizado pelo poeta parnasiano Amadeu Amaral, pertencente também ao corpo editorial d’*O Estado de S. Paulo*.

uma “praia elegante do Brasil” (Guarujá), onde levanta fundos em favor dos órfãos da guerra da Bélgica.

Já o primeiro livro de poesias (*Nós*) ocorre em 1917. Vale destacar que nesse episódio a obra foi revisada, e assim selada qualitativamente, pelo poeta Vicente de Carvalho. A edição custeada por Francisco Morato, amigo de escritório do pai de Almeida, galga ares elegantes para uma estreia: ilustrações do então famoso artista português Correio Dias e confeccionada pela Seção de Obras d’*O Estado de S. Paulo*.

Embora encontre benesse no público e o semblante de “poeta rentável” para as editoras¹², *Nós* divide críticas – um apanágio que será frequente na carreira literária de Guilherme de Almeida. Em sua estreia, o crítico Antônio Torres zomba do “poetinha que faz versinhos bem medidinhos e chochinhos”, representante da classe de moços “cretinizados pela absorção lenta de Casimiro de Abreu” (QUEIROZ, 1998, p. 22). Para contrariar, Veiga Miranda o considera de “um tom de aristocrática singeleza, de uma sensibilidade requintada e agudíssima que se sabe traduzir sempre bem e sempre sabiamente” (BRITO, 1958, p. 75-76)..

Além do crédito remansoso de que o Guilherme de Almeida literário surge por influência da cultura paterna, verifica-se como o gênero poético é frequente em pretendentes de distintas escolas e movimentos, sobretudo em fases de transição ou iminência de uma vanguarda literária. Isso se justifica, favorecido por cada contexto, pelo fato de que a poesia ocupa uma “posição elevada na hierarquia dos ofícios literários, que proporciona aos seus ocupantes, por uma espécie de *efeito de casta*, a segurança, pelo menos subjetiva, de uma superioridade essencial” (BOURDIEU, 1996, p. 268). Dessa maneira, ser poeta, *a priori*, significa mais chances de lucro simbólico.

As publicações¹³ entre 1919 a 1925, correspondentes ao namoro de Guilherme de Almeida ao movimento modernista, atestam uma série de divergências por parte da crítica, tanto relativas ao período como em estudos atuais. Nesse contexto, tornam-se necessárias duas digressões.

A primeira é salientar que o modernismo não apresentou uma suposta homogeneidade encabeçada por Oswald e Mário de Andrade. Isso porque no processo de

¹² Embora não tenhamos subsídios para apresentar um panorama do lucro editorial presente em Guilherme de Almeida, Sergio Milliet, numa seara também encontrada em vários outros críticos, assegura que “o grande milagre da poesia de Guilherme de Almeida é ter alcançado a popularidade sem nada ter pedido de seu requinte” (MILLIET, S. *Diários críticos*. Vol. 5. 2ª ed. São Paulo: Martins, 1981. p.169-170).

¹³ Englobam as seguintes obras: *A dança das horas* (1919), “Suave Colheita” embutida na obra *Messidor* (1919), *Livro das Horas de Sórora Dolorosa* (1920) e *Era uma vez* (1920), *A frauta que eu perdi – Canções gregas* (1924), *Encantamento* (1925), *Meu* (1925), *Raça* (1925) e *A flor que foi um homem – Narciso* (1925).

acumulação inicial de um capital simbólico, a posição de vanguarda, ao se opor aos dominantes, necessita angariar uma série de “artistas e escritores muito diferentes em suas origens e disposições, cujos interesses, aproximados por um momento, em seguida virão se divergir” (BOURDIEU, 1996, p.301). Nessa toada, Sérgio Milliet também nos esclarece que a iminência do modernismo foi afortunada pelo envelhecimento de outro campo, sobretudo no gênero poético:

Na batalha de 22, em que se atacaram todos os redutos do academismo, foi o da poesia o menos resistente. Mas não era preciso, em verdade, muito engenho e arte para destruí-lo, defendido como vinha sendo por bisonhos soldados. Já tinham morrido Bilac e Raymundo Correa. Sobravam Vicente de Carvalho desinteressado da luta e Alberto de Oliveira olímpicamente vazio. Entre os epígonos do parnasianismo e os neo-parnasianos somente um Amadeu Amaral podia pretender ao respeito dos adversários. (...) A poesia definhava por carência de conteúdo. Tornara-se uma espécie de joguinho de salão ou de mesa de café, em que brilhavam não os mais sensíveis, porém, os mais espertos. (...) Tão frágil era o batalhão neo-parnasiano que a primeira brigada ligeira modernista o desbaratou sem grande esforço.¹⁴

Se os adversários eram “frágeis”, o “recrutamento de artistas” no campo modernista é comprovado em uma série de artigos publicados por Oswald de Andrade em 1921 no *Jornal do Comércio*, na qual “comprova” os preâmbulos do modernismo não só em Guilherme de Almeida, como também em Agenor Barbosa, Menotti del Picchia e, sobretudo, Mário de Andrade.

A segunda questão, e complementária à primeira, é a presença de “dois tempos modernistas” nitidamente distintos. Entre 1917 a 1924, o movimento preocupa-se em realizar uma renovação estética, uma fase de atualização “em que se sente fortemente a absorção das conquistas das vanguardas européias” (MORAES, 1978, p. 49-50). Já a segunda fase – entre 1924 a 1929 – verifica-se a questão do nacional e como a literatura irá “brasileirar o Brasil” (Idem).

Em *Aspectos da literatura brasileira*, Mário de Andrade (1972, p. 242) norteia que o movimento modernista “impôs a fusão de três princípios fundamentais: o direito à pesquisa estética; a atualização da inteligência artística brasileira; e a estabilização de uma consciência estabilizadora nacional”. Todavia, verifica-se que Guilherme de Almeida, mesmo respeitado por sua virtuosidade, não agradou o poeta de *Paulicéia desvairada* por criar um verso livre a “seu próprio critério e suas próprias normas” (FERREIRA, 2002, p. 312-313). Em outras palavras, se uma vanguarda artística significa uma ruptura estética, o

¹⁴ MILLIET, Sérgio. *Diários críticos*. 2ª ed. São Paulo: Martins Edusp, 1981. Vol. V. p. 126.

“direito à pesquisa” do modernismo impunha aos seus membros – especialmente aqueles que já tinham flertado com outros campos - a obedecer a um novo modelo, além de uma efetiva cisão estética com o passado.

Se em *Canções gregas e Meu* – obras esteticamente afinadas com o modernismo – espraiam-se os relâmpagos, ocasionado pelas contradições com “passado poético” de Guilherme de Almeida. Em *Raça* surgem os trovões, uma vez que Guilherme realiza uma espécie de síntese poética da nacionalidade brasileira, caracterizando as “três raças”: o português, o índio e o negro. Sérgio Milliet, certamente um dos críticos mais laudatórios de Almeida, resenha tal obra em *Terra Roxa e outras terras*¹⁵, valorizando sua orquestração poética que toca “na corda musical: na nossa brasilidade”(MORAES, 1978, p. 104). À espreita de futuras críticas, Milliet adverte:

Pode-se criticar *Raça*, sob o ponto de vista mesquinho dos modernistas franceses e italianos. Eu nego, porém, qualquer valor a essas críticas, porque o nosso modernismo tem que ser diferente. E Guilherme é profundamente brasileiro. Digo mais: paulista. (...) Todo esse pedaço é profundamente nosso, de São Paulo. Isso não é um defeito, porque só se é brasileiro sendo paulista, como só se é universal sendo do seu país. (MORAES, 1978, p. 104)

Novamente, tal resenha resultou numa “Carta protesto” de Mário de Andrade, na qual se diz avesso ao “sentido simbólico heroico grandiloquente do paulista”, ao “saudosismo”, pois é “sintoma de decadência”¹⁶. Não obstante, devemos esclarecer que Mário de Andrade é o “crítico exceção”. Os demais modernistas – Oswald, Bandeira, Cândido Motta, Drummond, Sérgio Milliet – sempre cancelaram Guilherme de Almeida como um poeta de significativas contribuições para a vanguarda.

Nessa toada, se não era possível satisfazer a todos com sua estética, Guilherme de Almeida “militante modernista” era muito proveitoso. Além dos afazeres publicitários na revista *Klaxon* e um dos recitadores da Semana de 22, Guilherme de Almeida realiza uma série de conferências pelas cidades de Porto Alegre, Fortaleza e Recife no ano de 1925. Antes da empreitada, encaminha duas cartas a Mário de Andrade¹⁷, esclarecendo que faria uma “coisa barulhenta” no Sul, a fim de impressionar a “província”. Também pormenoriza como se organizariam tais conferências: a primeira parte englobaria a “afirmação” do

¹⁵ Deve-se esclarecer que tal revista foi a mais expressiva do segundo tempo modernista.

¹⁶ Idem. p. 106-107.

¹⁷ As datas das cartas são 7 de agosto e 26 de setembro de 1925, ambas enviadas do Rio de Janeiro. As cartas encontram-se na Biblioteca Mário de Andrade.

movimento; a segunda, uma “demonstração” com um recital de textos e poemas de autores modernistas.

Segundo Lígia Chiappini Leite (1972, p. 280), a visita de Guilherme de Almeida não representou um “marco” no modernismo rio-grandense, sendo que o poeta paulista “apenas fez com que crescesse o entusiasmo”. Já no Nordeste, em convite realizado por Joaquim Inojosa, Guilherme trava árduas discussões¹⁸, sobretudo com Gilberto Freyre, uma vez que em Pernambuco já existia uma forte oposição entre os regionalistas e os modernistas.

Ao retornar para São Paulo, Guilherme de Almeida assume o posto de colunista do *Estado de S. Paulo*, realizando três colunas distintas entre 1927 a 1929: “Cinematógrafos”, “A sociedade” e “Cosmópolis”. Numa das crônicas de “A sociedade”, o escritor enaltece sua fadiga em relação ao movimento modernista:

Estou cogitando da criação de um novo estilo literário que venha substituir com vantagem o já insuportável e inexpressivo estilo brasileiro moderno (essa espécie de bungeloso (...) colonial da nossa literatura, cheia de “dinamismo”, “gostoso”, “boniteza” etc.) de que, infelizmente, eu fui um dos culpados.

Penso que, explorando com paciência e habilidade a literatura dos anúncios de leilão, se pode bem organizar um grande bem sortido “stock” de adjetivos precioso e precioso que, estandardizados, constituem a base sólida de nova estética. Não hesito em chamar de “Estilo de Leiloeiro” a maneira de minha nova escola. E dedico-me com estima e consideração aos cronistas mundanos, cinematográficos e outros. (ULRICH, 2007, p. 78)

Pela ótica bourdiana, podemos inferir alguns motivos para essa estafa. Guilherme de Almeida, ao contrário dos demais modernistas, teve um relativo prestígio em outro campo literário, o que se convencionou chamar de pré-modernismo. No processo de adesão aos dois tempos modernistas – tanto as experiências estéticas quanto as questões de brasilidade – Almeida “constata” que o lucro simbólico desse novo campo dificilmente lhe seria auferido. Isso se explica, pelo menos em parte, por Guilherme de Almeida já possuir um “passado literário”. Logo, seria, e de forma inevitável, comparado (e julgado) por essa disposição.

Ainda nessa seara, não é à toa que Guilherme de Almeida realiza uma militância pelo movimento modernista. Se a consagração era quase impossível dentro do campo, assume uma posição na linha de frente: distante do martelo probatório dos agentes internos, e simultaneamente, deleitável aos olhos da “província”, já que era o “mensageiro dos modernistas”. Todavia, pelos estudos de Lígia Chiappini Leite e Humberto Araújo, a

¹⁸ ARAÚJO, Humberto. *Modernismo* – anos 20, Rio Grande do Norte. Natal: UFRN, 1995. (Prefácio).

ambição de uma “coisa barulhenta” do poeta paulista “não revelou o modernismo; ao contrário, o Rio Grande lhe revelou até onde o modernismo havia chegado e se revelou para ele e para São Paulo” (LEITE, 1972, p. 280).

Ironicamente, e provavelmente por seu “passado literário”, Guilherme de Almeida ingressa na Academia Paulista de Letras¹⁹ (1928) e, logo em seguida, torna-se o primeiro modernista na Academia Brasileira (1930). Pelo longo histórico de lutas contra o academicismo, muitos modernistas encararam seu ingresso com “espanto” e ares de traição. Mário de Andrade, contrariando sua própria crítica, declara seu ponto de vista aos “malditos”:

Foi bem geral nos meios literários malditos, o espanto causado pela eleição de Guilherme de Almeida para substituir Amadeu Amaral, na Academia Brasileira de Letras.

(...)

Em literatura, como em todas as outras formas sociáveis da atividade humana, a divisão mais primária que a gente poderá estabelecer é a de poderosos e malditos. Poderosos são os que têm oficializada a sua catalogação social. Os malditos, bem mais difíceis de definir, meu Deus! Somos “nós”.

Pois os malditos não podem resistir aos gestos elevados de Literatura que a Academia Brasileira está fazendo agora: pesquisa duma ortografia, publicação da Música do Parnaso, eleições de Afonso de Taunay e Guilherme de Almeida.

Esta última então me encheu de verdadeira alegria. Por tudo quanto encerra, de dignificação e de prêmio, a eleição a uma Academia, Guilherme de Almeida merece o lugar que agora ocupa. No momento presente, não vejo na literatura brasileira, uma organização mais integral de poeta que a dele: lirismo, grande faculdade imaginativa, artista incomparável. (...) Louros ela já colhera para si. Faltava é que pelas escurezas malditas um holofote batesse nele. Agora bateu. E Guilherme de Almeida está vivendo em toda a sua grandeza merecida.²⁰

Após sua “catalogação social”, e respaldada pela revolução de 32, Guilherme de Almeida literário turva-se num labirinto de oficialidades - à mercê de discursos políticos, grandes inaugurações e aniversários da cidade de São Paulo.

Do “poeta de 32” ao poeta oficial

Do mesmo modo que existem “dois tempos” modernistas com distintos anseios, a vida de Guilherme de Almeida se apresenta em duas frações: antes e depois da Revolução

¹⁹ No caso desse primeiro título, Antonio Ferreira retifica que Guilherme foi eleito por causa do falecimento de seu pai (em abril de 1926). “Aceitos sem grandes contestações foram imediatamente Cândido Motta Filho, Plínio Salgado, Cassiano Ricardo, Menotti del Picchia, Paulo Setúbal, Sud Menucci, Guilherme de Almeida (nome justificado por herdar de direito a cadeira do pai) e Alfredo Ellis Jr. – alguns deles provindos do modernistas, mas todos defensores de ideias conservadoras, expressivas do regionalismo colado de 1932, e muitas vezes de um nacionalismo de direita. (FERREIRA, 2002: 259).

²⁰ ANDRADE, Mário. “Guilherme de Almeida”. *Diário Nacional*, 9 de março de 1930.

de 32. No primeiro tempo da ampulheta, temos um “poeta esgrimista” e “almofadinha”²¹, que se aventura desde o verso livre à *garçonnière* de Oswald de Andrade. Já a segunda é mais comedida: um poeta “manchado” pelo exílio, arrimo de família e com inúmeros cargos públicos.

O ingresso de Guilherme de Almeida na revolução – zênite concreto de sua paulistanidade – é uma combinação de vários fatores. Em outubro de 1930, Getúlio Vargas depõe Washington Luís em uma rebelião armada e assume a presidência da República. Sintomaticamente, inicia-se o processo de enfraquecimento político dos fazendeiros paulistas de café. Nesse contexto, Guilherme de Almeida, além de um dos “herdeiros” das classes dirigentes, já era colunista do *Estado de S. Paulo*, periódico que se opôs veemente à ditadura Vargas, como também participava do Instituto Histórico e Geográfico de São Paulo²².

Mais do que abraçar a “causa paulista”, Guilherme de Almeida pertenceu ao grupo da *Liga de Defesa Paulista*, órgão que agregava fazendeiros de café, escritores, profissionais liberais, isto é, a elite econômica e intelectual de São Paulo. Como nos esclarece Bezerra, a Revolução é adornada como um “bem da nação”, porém

É uma brasilidade que vem sendo calcada no exercício da paulistanidade: é São Paulo que se envolve em uma luta sangrenta para redimir o Brasil. O estado de São Paulo é alçado como o grande defensor do Brasil. A preocupação em mostrar que o interesse maior não são as particularidades do sofrimento de São Paulo, mas o bem geral da nação e do Brasil inteiro, deixar escapar o ar de superioridade com que é tido o próprio estado de São Paulo. Como locomotiva que arrasta os vagões vazios dos estados restantes, São Paulo é o grande campeão que dá exemplo aos demais, mesmo à custa do sangue de seus filhos. Apresentando um serviço, cobra seu preço. (BEZERRA, 1988, p. 80)

Nessa seara, Guilherme de Almeida alista-se como soldado raso pelas trincheiras de Cunha, no interior paulista. Entretanto, é convocado pela *Liga de Defesa Paulista* para redator-chefe do *Jornal das Trincheiras*. Segundo Ulrich (2007, p. 27), mais do que um informativo de guerra, Guilherme de Almeida inova ao introduzir o humor: desenhos em quadrinhos e textos de outras épocas, como do irreverente Juó Bananére²³, agregam o plano

²¹ O próprio poeta se intitula “almofadinha” ao lançar *Era uma vez* (1922).

²² Inaugurado em 1909 pela elite paulista, o Instituto Histórico e Geográfico de São Paulo angariou a construção simbólica do país por meio da história de São Paulo, sendo frequentes perfis biográficos, fatos históricos romaneados, contos, crônicas e novelas urbanas. (FERREIRA, 2002: p. 125-148).

²³ Pseudônimo do poeta satírico brasileiro Alexandre Marcondes Machado. Tornou-se popular por suas paródias aos sonetos de Camões e Olavo Bilac, como também pelas sátiras políticas contra Hermes da Fonseca e demais medalhões da República Velha.

editorial do periódico. O “espaço literário” também possibilitou a popularização de alguns poemas de Almeida, tais como “Moeda Paulista” e a canção “O passo do soldado”.

Com a derrota de São Paulo em 28 de setembro de 1932, o poeta paulista é preso no Rio de Janeiro e, em 5 de novembro, parte para a Europa²⁴, na qual permanece até meados de 1933. Nesse episódio, Guilherme de Almeida é recebido solenemente pela Academia de Ciências de Lisboa, além de estabelecer bons vínculos diplomáticos²⁵.

De volta ao Brasil, Guilherme de Almeida torna-se um dos sócios-fundadores do Clube de Piratininga²⁶, “sociedade cívico-recreativa” dos ex-combatentes da revolução de 32. No cotejo epistolar²⁷, observa-se a forte exaltação da terra paulista, sendo que na introdução das cartas encontramos “Paulistíssimo Dr. Guilherme de Almeida”. Numa das cartas, o então presidente do Clube, Heitor Bittencourt, enfatiza: “receba também a afirmativa de que a nossa terra heroica é profunda e comovidamente agradecida ao permanente jovem e inspirado defensor de suas gloriosas tradições.”²⁸

Além de colaborar na revista *Paulistânia*, periódico do clube, Almeida ingressa num itinerário de comemorações cívicas²⁹. Destacamos, por exemplo, a comemoração ao IV Centenário de São Paulo (1954), em que o poeta saúda os bandeirantes com a “Oração-poema” e, aos que se dedicaram à revolução, o poema “A espada da pedra”. Já na inauguração do Monumento-Mausoléu, Guilherme é o responsável pelas “temáticas e legendas”, na qual foram divididas em quatro temas: I – São Paulo: cidade do Trabalho, II – Natividade, III – Sacrifício, IV – Ressurreição. E em 1957, realiza a conferência “Roteiro do exílio”, pronunciada no Instituto Histórico e Geográfico de São Paulo.

Mas não era somente por hinos e periódicos partidários que Almeida manifestava seu amor por São Paulo. Mesmo após o exílio, observa-se que sua produção jornalística galga, mesmo que implicitamente³⁰, os ideários da revolução de 32. Por exemplo, num dos artigos de “Ontem, Hoje, Amanhã”, argumenta por fontes históricas que

²⁴ Embora Guilherme de Almeida gozasse de um capital cultural e social, observa-se que seu capital econômico não era tão proeminente. Num breve exemplo, Anita Malfatti realizou 17 viagens à Europa, já Almeida esteve apenas, e ocasionalmente, devido ao exílio.

²⁵ Por meio do cotejo epistolar disponível na Casa Guilherme de Almeida, verifica-se a presença de cartas e telegramas de embaixadores e diplomatas, especialmente oriundos de Portugal. O vínculo com tal país é tão forte que Guilherme de Almeida, ao retornar para o Brasil, publica o livro de crônicas *O meu Portugal*, na qual tece comparações entre os paulistas e os portugueses.

²⁶ O clube foi inaugurado em 16 de dezembro de 1934.

²⁷ Tais cartas estão disponíveis na Casa Guilherme de Almeida.

²⁸ Carta disponível na Casa Guilherme de Almeida, datada de 20 de abril de 1967.

²⁹ Dados obtidos graças à pesquisa de Ulrich (2007: 32).

³⁰ Obviamente seria necessária outra pesquisa para respaldar a questão. Entretanto, ao levantarmos todos os artigos da coluna “Ontem, Hoje, Amanhã”, São Paulo é um tema generosamente pormenorizado.

Existem, raros, muito raros, raríssimos exemplos da “mestiçagem útil”: isto é daquela de que resulta um produto herdeiro apenas das qualidades superiores das raças componentes. E a dos mamelucos de Piratininga é um desses casos excepcionais. Darei a você em dois textos, o autorizado testemunho de estrangeiros, rigorosamente não-paulistas.

(Almeida reproduz carta de Jean Quatrefages, datada de 1877, Paris)

Diz Quatrefages: (...) Os Paulistas do Brazil são exemplo frisante. A província de S. Paulo foi povoada por portuguezes e açorianos vindos do velho mundo, os quaes se alliaram aos Guayanazes, tribu caçadora e poética, aos Carijós, raça belicosa e cultivada. D’estas uniões regularmente contrahidas, resultou uma raça, cujos homens têm-se sempre distinguido pelas suas proporções, força physica, coragem indomaável, resistência as mais duras fadigas.

(Em seguida, transcreve trecho de carta de Morgado de Matheus para o rei, datada de 1766)

... São os Paulistas, segundo minha experiência, grandes servidores de S. M... No seu real nome fazem tudo quanto se lhes ordena, expõem ao perigo a própria vida, gastam sem dificuldade tudo quanto têm até o fim do mundo sendo necessário. O seu coração é alto, grande e animoso (...)

Que tal?

Veja você, meu amigo, como é difícil ser mameluco. E, portanto, como é fácil menosprezá-lo.³¹

Se a “produção oficial” ascendia, o advento do exílio e seus obrigatórios respingos atenuam vertiginosamente a produção literária de Guilherme. Um poeta que publicou quatro antologias distintas num mesmo ano³², agora percorre um forte hiato (quase 15 anos), apenas cessado com a publicação de *Camoniana*³³ (1944). Os inúmeros cargos³⁴ angariados por Guilherme de Almeida explicariam, em boa medida, esse distanciamento literário. Entre 1937 a 1960, o poeta foi presidente da Associação Paulista de Imprensa (1937-1939); representante do Ministério do Exterior na Inauguração da herma de Olavo Bilac em Montevideu (1937); fundador e diretor o *jornal de São Paulo* (1945-1947); presidente da Comissão do IV Centenário da cidade de São Paulo (1946-1957); orador oficial na inauguração de Brasília (1960).

Outro fator pertinente, e contextualizador, é o crescimento colossal da máquina burocrática. No governo Vargas, entre 1930 a 1945, ocorreu um processo de centralização autoritária, sancionando um trabalho de “construção institucional” através da abertura de ministérios, conselhos, departamentos e similares (MICELI, 2001, p. 199). Além dos atividades esporádicas assinaladas, Guilherme de Almeida desempenha diversos cargos públicos: secretário da Escola Normal Padre Anchieta, chefe da Divisão de Expansão

³¹ ALMEIDA, Guilherme. “Mameluco”. *Diário de S. Paulo*, 5 de fevereiro de 1957.

³² Aqui nos referimos ao ano de 1925, quando Guilherme de Almeida publica os livros *Encantamento*, *Meu, Raça e A flor que foi um homem – Narciso*.

³³ Dando continuidade ao trabalho de sua terceira fase poética, Guilherme de Almeida também publica *Pequeno Romanceiro* (1957), *Rua* (1961) e *Rosamor* (1965).

³⁴ BARROS, F. O. de. *Guilherme de Almeida – Literatura comentada*. São Paulo: Abril Educação, 1982. p.7.

Cultural da Prefeitura de São Paulo e secretário do Conselho Estadual de Bibliotecas e Museus.

Ao aplicarmos as considerações de Bourdieu, identificamos que entre o esforço de construir um “posto” na juventude, no caso, o acúmulo de capital simbólico nas escolas de transição e modernismo e, em seguida, a necessidade de se habituar ao “posto” – o poeta “manchado” pelo exílio e fincado no pensamento bandeirante – reconduzem Guilherme ao seu “lugar natural”: a radicalização de sua primeira fase poética, na qual obteve certa “glória”, como também o (en)cargo do ofício literário à mercê das instâncias políticas.

Nesse passo, em 1959, quando Guilherme de Almeida recebe o título de Príncipe dos Poetas Brasileiras, conferido pelo jornal *Correio de Manhã*, vislumbramos, pelos inúmeros telegramas, a rede – expressiva - de seu capital social. O poeta recebe saudações desde políticos, como o ministro Braga Mello e o cônsul geral de Portugal, João Marçal; perpassando a elite econômica - Dácio Moraes Júnior, então presidente do banco do Estado de São Paulo, e Roberto Amaral, presidente do Banco do Comércio e Indústria de São Paulo; até os matizes de capital cultura ou religioso, como os telegramas de Victor Civita (editora Abril), Luiz Bertelli (diretor da Faculdade Paulista de Direito) e Lúcia Piza (presidente da Liga das senhoras católicas).

Numa vertente complementar ao seu “lugar natural”, Guilherme ainda investe no campo da tradução, possivelmente seu único empreendimento cultural em nítida constante e ascensão³⁵. Uma vez que era exímio conhecedor de línguas³⁶, sobretudo a francesa, traduziu desde poemas de Paul Verlaine, Charles Baudelaire, Stéphane Mallarmé, até peças teatrais de Jean-Paul Sartre e Oscar Wilde.

Considerações finais

Sobretudo nas últimas décadas, verifica-se uma ânsia em revitalizar a produção literária e jornalística de Guilherme de Almeida. Obviamente defendemos essa iniciativa, todavia encontramos muitas “iscas fáceis” nesse oceano. Se não esquadrinharmos, por exemplo, as posições, e disposições, do Guilherme de Almeida “pré-modernista”, facilmente caímos num julgamento de “poeta modernista marginalizado”. Outras

³⁵ Segundo dados da Casa Guilherme de Almeida, entre 1932 e 1965, foram realizadas 33 traduções de obras diversas (poesias, peças teatrais, livros infantis). A lacuna mais expressiva é entre os anos de 1943 a 1950, ou seja, sete anos sem o exercício (ao menos, editorial) de tradutor.

³⁶ De acordo com alguns biógrafos, o pai de Guilherme de Almeida, desde muito cedo, introduziu o filho nos estudos do grego, latim, francês e alemão.

indagações escoam por “como um poeta, que gozou de enorme popularidade das décadas de 20 e 30, passa da consagração ao esquecimento? (...) Em que medida o rótulo de “poeta oficial” compromete a grandeza de sua poesia?” (QUEIROZ, 1998, p. 2).

Nesse âmbito, e pelo recorte bourdiano, procuramos salientar que a “consagração” de Almeida foi mais esculpida por seu capital social do que literário, o que alicerçou inclusive seu itinerário jornalístico. Já sobre o rótulo de “poeta oficial”, o próprio Guilherme de Almeida nos autentica que “agentes do meu *intelligence service* já me revelaram que, entre literatos de hoje, diz-se que não é bem citar a poesia de Guilherme de Almeida. Compreendo: trata-se de um poeta vendido”³⁷.

Referências bibliográficas

- ARAÚJO, Humberto. **Modernismo – anos 20**, Rio Grande do Norte. Natal: UFRN, 1995.
- BARROS, F. O. de. **Guilherme de Almeida** – Literatura comentada. São Paulo: Abril Educação, 1982.
- BEZERRA, Holien. **O jogo do poder** – revolução paulista de 32. São Paulo: Moderna, 1988.
- BOURDIEU, Pierre. **As regras da arte** – gênese e estrutura do campo literário. Tradução Maria Lúcia Machado. São Paulo: Companhia das Letras, 1996.
- BRITO, Mário da Silva. **História do Modernismo Brasileiro** – Antecedentes da semana de Arte Moderna. São Paulo: Saraiva, 1958.
- Candido, A. **Literatura e sociedade**. 3ª ed. Rio de Janeiro: Ouro sobre azul, 2010.
- FERREIRA, Antônio. **A epopeia bandeirante: letrados, instituições, invenção histórica (1870-1940)**. São Paulo: editora UNESP, 2002.
- LEITE, Lígia Chiappini. **Modernismo no Rio Grande do Sul: materiais para um estudo**. São Paulo: Instituto de Estudos Brasileiros, 1972.
- MARTINS, Wilson. **A literatura brasileira** – O modernismo. São Paulo: Cultrix, 1975.
- MICELI, Sérgio. **Intelectuais à brasileira**. São Paulo: Companhia das Letras, 2001.
- MILLIET, Sérgio. **Diários críticos**. 2ª ed. São Paulo: Martins Edusp, 1981.
- MORAES, Eduardo. **A brasilidade modernista: sua dimensão filosófica**. Rio de Janeiro: Graal, 1978.
- QUEIROZ, Maria Helena. **Guilherme de Almeida (1890-1969): Fortuna crítica comentada**. Assis, 1998. Dissertação (Mestrado em Literaturas de Língua Portuguesa), Faculdade de Ciências e Letras, Universidade Estadual Paulista.
- SODRÉ, Nelson Werneck. **História da Imprensa no Brasil**. 4ª ed. Rio de Janeiro: Mauad, 1999.
- ULRICH, Aline. **Guilherme de Almeida e a construção de identidade paulista**. São Paulo, 2007. FFLCH/ Universidade de São Paulo.

³⁷ MENEZES, Raimundo. “Guilherme de Almeida tem duas letras: uma para compor versos, outra social... e escreve em estado de transe”. *Folha da Manhã*, 2 de outubro de 1955.